# ATO DE PERMUTAÇÃO
# BUREAU FAPOL

## CONVERSAÇÃO
## “A LIBERDADE DA PALAVRA”

**Buenos Aires, 25 de junho 2022**

FAPOL

FEDERAÇÃO AMERICANA
DE PSICANÁLISE DA
ORIENTAÇÃO LACANIANA

# ÍNDICE

PROGRAMA ……. 2

Observatório Autismo …… 4

Observatório Infâncias ……... 7

Observatório Legislação, subjetividades contemporâneas e a psicanálise ……..... 11

Observatório Violência e Mulheres na América Latina ……..... 15

Observatório Vamos para uma cultura toxicômana?……..... 20

Observatório Gênero, Biopolítica e Transexualidade……..... 24

Rede de Psicanálise Aplicada……..... 28

Rede Universitária Americana…….. 31

Rede de Cinema e Psicanálise……..... 33

Rede de Psicanálise e Literatura Latinoamericana …… 36

# PROGRAMA

**APERTURA:** *Iordan Gurgel*

**MESA 1: CONVERSATORIO**

Moderadores: *Flory Kruger y Iordan Gurgel*

Presenta Consejo FAPOL:

*Gabriela Camaly*: Observatorio Autismo

*Raquel Cors:* Observatorio Infancias

*Romildo do Rêgo Barros:* Observatorio Legislación, subjetividades contemporáneas y el psicoanálisis

*Gladys Martínez:* Observatorio La violencia y las mujeres en latinoamérica

*Henri Kaufmanner:* Observatorio ¿Vamos hacia una cultura toxicómana?

*Andrea Zelaya:* Observatorio Género, biopolítica y transexualidad

Conversan: Coordinadores de los Observatorios y Redes

**REVISTAS FAPOL**

Presenta: *Iordan Gurgel*

Video LACAN 21

Video Revista Cythere

**MESA 2:**
**AMP y CAMPO FREUDIANO**
Comentario general: *Christiane Alberti*

La libertad de la palabra en el Campo Freudiano por *Eve Miller-Rose*
Moderadora: *Viviana Berger*

**PERMUTACIÓN**
Palabras de *Mauricio Tarrab*

**Discurso Presidente saliente:** *Viviana Berger*
**Discurso Presidente entrante:** *Ricardo Seldes*
Moderadora: *Flory Kruger*

OBSERVATÓRIO SOBRE POLÍTICAS DO AUTISMO - FAPOL

Claudia Lijtinstens (EOL)
Paula Pimenta (EBP)
Elida Ganoza (NEL)

# ENTRE O *BEM DIZER* E O *SABER LER*: OS "AUTISTAS"

Há crianças, sabemos, que se encontram em impasses intransponíveis que obstaculizam suas vidas.

Ler esse sofrimento subjetivo como fenômenos do real exige distanciar-se da *boa vontade*, de comparar moralmente o sujeito com algum universal (mesmo quando isso possa aliviar a angústia de seus cuidadores), pois isso, inexoravelmente, expulsa o sujeito, denegando-lhe ***a liberdade da palavra***.

Essa aspiração ética, esse "colocar-se no lugar do outro", é constitutivo do discurso social - e em particular do discurso pedagógico - como se esse lugar do Outro estivesse constituído apenas para poder ser habitado pelo sujeito criança de uma maneira estabelecida.

Ocupar um lugar no discurso implica um ato indecifrável frente ao qual a política lacaniana propõe "... mais do que colocar o sujeito no lugar do outro, colocar qualquer outro em seu lugar de sujeito"[1] .

Isso tem consequências, e a psicanálise se propõe a indagar sobre as formas em que esse sujeito as assume e se arranja com sua linguagem e seu corpo em uma ficção que designa seu ser de gozo, traumatizado pela linguagem.

[1] Miller, J-A.: "Conferencia de Turín" *Rev. Lacaniana*, nº 23. p. 43.

Educar e normativizar a infância é um caminho ético tão necessário quanto delicado, na medida em que *a ética das boas intenções* revela seu limite ao enfrentar a ilusão de poder domesticar completamente a pulsão.

Lacan advertiu que "... se é preciso fazer as coisas pelo bem, na prática simplesmente é preciso se perguntar pelo bem de quem. A partir daqui as coisas não andam sozinhas"[2].

A *outra cena* infantil que se joga entre o Outro, o desejo e o gozo determina um núcleo traumático, uma fixação libidinal (o fator infantil, como o chamava Freud), que é a gênese de importantes fenômenos que, circunstancial e não voluntariamente, causarão o gozo localizado na *língua familiar*.

Pretender se ocupar, cuidar, educar um sujeito autista pode fazer obstáculo para que ele nos escute e para escutá-lo.

Por isso, para que algo da ordem da enunciação possa se produzir, é imprescindível assumir que não há *parlêtre* sem a dimensão de algum tipo de resposta ao traumatismo de *lalíngua* e, a partir daí, abster-se de tentativas massivas de normalizá-la. Assim, a psicanálise de *Orientação Lacaniana* adverte, sobretudo, que do que se trata no autismo é de um *parlêtre* lidando com a incidência da linguagem no corpo.

A *Orientação Lacaniana* aloja essa *palavra*, não apenas a do sujeito autista, mas também a de sua família, a de seus professores e operadores do campo da saúde, ao dar lugar a novas formas de leitura do laço e da subjetividade.

Nesse sentido, quando as condições do contexto (educacional, de trabalho, comunitário) estão atravessadas por uma perspectiva inclusiva, tolerante, respeitosa e não segregativa - e o praticante da psicanálise é um agente privilegiado nessa transformação - tornam-se favoráveis para seguir na via do consentimento da criança autista ao Outro e ao saber.

Por fim, as experiências de transmissão do que a psicanálise ensina em relação ao autismo no âmbito universitário tornam-se espaços nos quais é possível ensaiar formas de expor os efeitos da aplicação do discurso analítico à clínica com o autismo.

[2] Lacan, J. *Seminario 7*. Bs. As.: Paidós, 1988. "La ética de las buenas intenciones", p. 380.

A psicanálise, em sua aposta de dar alcance ao que dizem os sujeitos autistas, insiste em sua aposta de compromisso com a *liberdade da palavra*, tentando escutar em cada caso o que têm a nos dizer. Somente escutando o inédito de cada sujeito singular como *serfalante* poderemos localizar as coordenadas de sua existência com as quais consinta com a nossa presença, e possa nos mostrar de que maneira pode ser acompanhado nos arranjos que construiu ante o intratável da vida.

Reconhecer, respeitar e acompanhar essa referida invenção, abre caminho em direção a Um *bem dizer* enodado ao saber ler, Um por Um.

OBSERVATÓRIO INFÂNCIAS

Diana Campolongo (EOL)
Maria Rita Guimaraes (EBP)
Gabriela Urriolagoitia (NEL)

# QUE ESCUTA PARA A CRIANÇA HOJE?

## 1 Do Um ao Outro

Jacques-Alain Miller nos alerta sobre o lugar que os princípios jurídicos ocupam na atualidade, promovendo um desaparecimento programado da clínica[3], verdadeiro problema para a psicanálise.

Nos dispositivos jurídicos, há a abertura a uma palavra pública, na qual a dimensão do real parece se impor, produzindo um déficit dela enquanto realidade psíquica, interpretação ou verdade mentirosa.

Como escutar o testemunho de uma criança?

Se a psicanálise deve adotar uma posição no social, esta é a de restabelecer à criança sua dignidade de sujeito, restaurando o valor de sua voz, em sua versão equívoca. Ele próprio é interrogado se o escuta sem a enunciação desconhecendo o inconsciente.

Os princípios jurídicos atuais dissolveram, em um "todos iguais", a sutileza diferencial da clínica psicanalítica. É a partir desse ponto que fazemos nossa exploração em relação à criança como sujeito de direito, abordando o problema do estatuto do dizer, nesse campo ao qual a criança é convocada, empurrada a tomar a palavra e estimulada a falar sem calcular os riscos quando é suposto ter uma palavra "exata".

Se tudo é judicializado, a criança é exposta a sustentar, a se responsabilizar por uma posição de palavra, que, ainda, não tem o peso de uma fixação de gozo. Essa judicialização

[3] MILLER, J-Alain. Conferência de apresentação do próximo Congresso Mundial da AMP 2024 "Todo mundo é louco" durante o GCMV em 3 de abril 2022. (inédito).

pretende uma verdade, que não seja ficção; ficção radicalmente estrutural ao discurso e inerente ao dizer do sujeito. Então, a multiplicação do judicial deixa a criança mais próxima de um fora do discurso ou de uma verdade sem mal-entendido; ou seja, de uma recusa do inconsciente.

É necessário fazer uma passagem: da criança como Um-sozinho – o que fala com uma palavra, que não diz mais que aquilo que diz – ao reconhecimento de que seu ser falante, o que se constitui por ter sido falado pelo Outro. Quando se toma a palavra da criança como certeza, a realidade psíquica se perde: a infância fica privada do infantil e empurrada a "dizer toda a verdade e nada mais que a verdade".

Nas áreas em que muitos analistas sustentam o trabalho com outros, juristas, por exemplo, com os quais se estabeleceram certas transferências possibilitadoras de passar ao Outro social, propicia-se que a palavra da criança possa ser escutada de outra maneira em sua profundidade.

O anseio da "criança algoritmo" da tecnociência localiza a ausência da topologia da palavra, sem a diferença entre enunciado e enunciação, e o impulso à autodeterminação prematura impede o jogo linguageiro de *l'bevue*, próprio da infância.

Em que medida os direitos da criança protegem ou expõem o *infans* ser falante neste momento inestimável de sua conformação ao lançá-lo à liberdade da pulsão?

## 2 Uma experiência do Observatório Infâncias

O trabalho que se realiza com o tema da adoção mostra-se como valiosa oportunidade para refletir sobre a liberdade da palavra, enquanto observatório que privilegia os modos de recepção da palavra da criança e do adolescente. A liberdade da palavra ressoou entre nós algo que Jacques Alain Miller disse: "Há um privilégio da escuta sobre a interpretação. E isso leva insensivelmente à ideia de que aquilo que o sujeito disse é certo, exato! Que é assim!"[4] Miller toma como exemplo a questão da criança trans, "que disse aos quatro anos: este não é meu corpo, necessito, quero outro corpo que esse que tenho"[5].

[4] MILLER, J.-A. La escucha con y sin interpretación. Conferência de 2 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F56PprU6Jmk&t=2113s>.
[5] *Idem*.

Sabemos que existe, no tempo em que vivemos, uma crença inabalável na autodeterminação e na autonomia da vontade extensiva ao campo da infância.

Sem dúvida, essa questão implica abordagens cruzadas, nos níveis jurídico e psicanalítico, que são campos de interesse do Observatório Infâncias. Podemos pensar que há uma ambiguidade na lei: colocada sob um regime de representação destinado a proteger a/o criança/adolescente, pressupõe que são igualmente capazes de tomar decisões pessoais a seu respeito.

Parece oportuno verificarmos, no domínio dos direitos humanos, o que acontece no encontro entre a palavra da/do criança/adolescente e aquele que o representa, ou seja, o Estado, na figura do Direito. Constatamos que a palavra da criança não aparece. Ela está ausente mesmo que a criança a pronuncie. Noutra perspectiva, pode suceder que essa palavra seja escutada como "confissão" de uma vontade, de uma verdade. Temos, aqui, uma distância entre o que é o ato de falar no campo jurídico e no campo lacaniano. Quando se trabalha em prol da consistência dada à subjetividade reivindicativa do *moi*, mais próximo se está do ego, instância, sem dúvida, formulada por Freud, mas por ele mesmo distanciada do que chamou inconsciente. Freud formulou o inconsciente como hipótese, tomando seus próprios ditos, lapsos, atos falhos e sonhos, para testemunhar um saber, que escapa ao domínio do ego. Aqui, trata-se de um saber não sabido; isto é, um saber não subordinado à consciência, ao seu ego.

O sujeito dividido, como disse Lacan, não se apreende senão pelas falhas da linguagem, pelos efeitos de sua divisão. Sabe-se dele, ou se o infere, no só-depois do acontecimento de linguagem, se a presença do analista o escutou. O que é da ordem do inconsciente "[...] é a lei pela qual a enunciação jamais se reduzirá a enunciado de qualquer discurso."[6]

Essa diferença, essencial em uma escuta, se está velada pelo campo das boas intenções, baseada no Bem, pode levar ao pior: a literalidade da escuta da palavra da criança.

Assim, um menino com a idade em torno dos seis anos, vivendo desde os três anos com seus irmãos em um abrigo, é considerado um menino "terrível". Escutaram dele algumas falas, nas quais associava o estado de seus "dentes podres" ao abandono por parte de sua mãe biológica. Ela não cuidava dele: deixou seus dentes apodrecerem. Afirmava que, por isso, "as pessoas tinham nojo dele", evocando, aí, a situação de não ser escolhido como filho por

[6] LACAN, J. A metáfora do sujeito. In: LACAN, J. *Escritos.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 906.

outra família. Existe uma dificuldade, porque, em casos de irmãos, por lei, prioriza-se a adoção que seja para o grupo de irmãos. Nesse caso, um dos irmãos apresenta uma incapacidade. Os responsáveis pelo abrigo decidiram levar a criança ao dentista. Aliás, levaram a vários, porque, frente ao profissional, o menino se recusava a abrir a boca e resistia fisicamente. Não obstante, no encontro com um profissional "que escutava", a criança fez o consentimento e teve seus incisivos arrancados. Segue sendo "terrível".

Algumas perguntas:

- O menino a ser adotado, certamente, teve que lidar desde cedo com um encontro impossível ou devastador com o desejo do Outro. Aqui, apresenta-se um real desnudado: é o objeto que provoca nojo no Outro?
- Será que esse lugar, com o qual se identifica – de que é incapaz de se tornar "amável" para um Outro –, o alivia de estabelecer novos laços, estabelecer-se em outro lugar, em uma nova família? Não poderia ser menos angustiante permanecer no limbo da espera do que um novo rechaço?
- Será que os "dentes podres", articulados por ele ao seu abandono, fossem uma possibilidade de defesa do sujeito, um tênue fio, que lhe permite mitigar sua urgência subjetiva e seu sofrimento?
- E se, justamente, os "dentes podres" fossem a apresentação de um indizível, palavras que compõem a passagem a uma ficção daquilo que se aloja no corpo como fixação?

Eis uma bonita orientação de Daniel Roy, que faz eco à formulação de Lacan em sua homenagem a Lewis Carrol:

> [...] um psicanalista busca com a criança "uma porta para seu tamanho", não no seu tamanho de criança frente ao tamanho de um adulto, mas uma porta que ele próprio esculpe, com as ferramentas que recebeu e as que ele mesmo se deu, na trama dos discursos, que tecem a sua história. O que está do outro lado dessa porta a história não diz, porque ainda está para ser atravessado.[7]

[7] ROY, Daniel. Lacan e a criança. *Revue Cause Freudienne*, Navarin, n. 79, p. 249- 252, 2011

# OBSERVATÓRIO DE LEGISLAÇÃO, DIREITOS, SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS E PSICANÁLISE

Alicia Yacoi (EOL)
Marita Hamann (NEL)
Luis Francisco Espíndola Camargo (EBP)

## A LIBERDADE DA PALAVRA

A atividade deste Observatório se inscreve na tensão entre o Discurso Analítico e o Discurso do Mestre nas suas múltiplas encarnações, a religião na sua articulação com a política, e o Direito na sua união com o discurso do mestre e com a ciência.

**Discurso da ciência, discurso jurídico**

As leis promulgadas na Argentina, em 2013, tiveram como efeito a multiplicação dos tratamentos de reprodução assistida. Considera-los como um direito humano de conceber um filho tem sido um apoio para a ciência que não encontra limites para a aplicação dessas técnicas. Algumas permanecem no estado de um segredo inacessível, quando se trata da manipulação genética, o que tem levado chamar estes bebês de *designer babies*.

Ser mãe a todo custo exige uma reflexão, uma vez que pensar essa posição como uma novidade de ideais em contraposição a outros mais tradicionais implica num reducionismo a respeito deste fenômeno tão generalizado. Melhor, se trata de um empuxo identitário como tantos outros que os Observatório têm desvelado e encontrado sua validação na união da ciência com o discurso jurídico, o qual tem sancionado este direito com caráter de igualdade universal.

Para a psicanálise, a filiação está no centro da constituição subjetiva a partir da referência edípica. Lacan nos orienta a respeito disso. Se o Édipo é um mito, a castração não é; ela concede um papel de nó para os seres humanos, sendo o que permite arranjar-se com a sua cria. Tomemos como exemplo uma mulher que concebeu uma filha por doação de óvulos e que solicita uma consulta porque, segundo verificado, sua filha de meses não a reconhece como mãe. Neste caso, é patente que a ciência não é suficiente para produzir uma mãe particularizada. Nenhuma igualdade democrática pode eliminar a relação de discordância e de mal-estar que temos com o nosso mundo.

Por outro lado, foi Éric Laurent quem revelou a mudança nas configurações familiares a partir da criança produzida pelo discurso do mestre, do direito e da ciência. Agora, é a criança, como sujeito do direito e situada no centro da ordem simbólica do discurso jurídico, quem decide sobre os laços familiares; basta revisar as numerosas sentenças de paternidades múltiplas que se produziram nos últimos anos.

**Religião, populismo e *wokismo***

Conforme Christiane Alberti[8], citando a Barthes, "a verdadeira censura não consiste em proibir, senão em submergir as pessoas em estereótipos (...) obrigando-as a falar de uma determinada maneira". Trata-se do sujeito reduzir seu dizer ao discurso politicamente correto, feito de repetições, isto é, de uma *submissão voluntária* à enunciação de aparência democrática.

Da perspectiva dos movimentos militantes pela discórdia sexual, as vozes que foram silenciadas anteriormente pelo discurso do mestre defendem agora a absoluta particularidade do modo de ser e de gozar, tendo em vista que o Outro não sabe nada sobre o sujeito e o seu corpo. Por conseguinte, sustentam que qualquer intenção de os nomear ofende. Em suma, seu lema é "não te meta com a minha sexualidade".

O único lugar de enunciação que tem validade é o da vítima que denuncia. No Brasil, por exemplo, a legitimidade do dito depende do que é geralmente definido como "lugar de

[8] Retirado do ZADIG Espanha. Intervenção durante as 50ª Jornadas da ECF sobre o tema "Ataque sexual", 15 de nov. 2020. Publicado no *Lacan Quotidien*, Nº 897, 26 de nov. 2020.

fala", uma expressão utilizada pelas minorias para justificar que o único discurso legítimo sobre o racismo seria o de uma pessoa negra e sobre o sexismo o de uma mulher. Esse tipo de discurso é especular, já que na denúncia que tenta restabelecer a fidelidade da balança, repete o que se tenta suprimir, como faz, por exemplo, o discurso contra o racismo que, sem dúvida, tem como premissa a existência das raças.

Num sentido aparentemente contrário, os movimentos evangélicos – como o movimento no Peru denominado "Com meus filhos não te metas" e outros, como no Brasil, onde esses movimentos são responsáveis pelo Projeto de Lei que autoriza a educação em casa (*homescholling*) –, suportam os efeitos das cicatrizes da evaporação do pai. Eles militam em defesa da família tradicional, a mesma que os discursos de gênero supostamente havia corroído. Por exemplo, no Peru, esses movimentos conseguiram a promulgação de uma lei que impede as escolas públicas de imprimir a educação sexual e permite aos pais decidir sobre todos os conteúdos educativos de seus filhos. Isto é um efeito da proliferação dos direitos e garantias das crianças pelo Estado.

Seu poder é obtido pelo apoio que oferecem aos partidos políticos e aos movimentos populistas, sejam de direta ou de esquerda. Sua afinidade com o populismo é surpreendente, ao ponto que poderíamos chamá-las de "religiões populistas" de hoje, constituídas como novas seitas. Ademais, os líderes destas Igrejas aparentemente não são provenientes de nenhuma elite social; eles "vêm de baixo" e encarnam a prosperidade que estas religiões prometem a seus seguidores na época do empreendedor de si mesmo, daí a sua afinidade com o discurso capitalista.

O paradoxo é que, mesmo que estes movimentos conservadores vão no sentido contrário ao da discórdia sexual, a posição subjetiva da vítima os percorre por igual e nela se autorizam: "tu não tens o direito de intervir na educação de meus filhos porque eles me pertencem e o que pretendes é questionar a minha autoridade". Posto que a sexualidade dos filhos, efetivamente, é o que os separa de seus pais, todo discurso que toca o sexual corroeria, supostamente, o amor filial, a obediência e o respeito.

Em conclusão, *wokismo*, religião e populismo guardam entre si uma grande afinidade: o discurso das vítimas da tradição hetero patriarcal, como as famílias

questionadas pelas teorias do gênero, como o "povo" mesmo, onde o seu discurso é aparentemente puro e todo aquele que o interroga pertence a alguma elite "caviar" cujo juízo mais profundo é o desprezo.

A liberdade de expressão com a que contamos hoje não reconhece a castração subjetiva, senão se encontra a cada instante como vítima do gozo do Outro que supostamente se impõe, vítima de uma injustiça que deve ser combatida silenciando-o.

Trata-se de novos discursos construídos sobre um tipo de paranoia reivindicativa, apaixonada, em defesa da própria identidade que as leis deveriam garantir: uma *egocização* sem alteridade que desconhece que aquilo que se quer não é o que se deseja. "[É na] cena do Outro onde o homem como sujeito tem que se constituir, ocupar seu lugar como portador da palavra, mas não pode ser seu portador senão numa estrutura que, por mais verídica que se apresente, é uma estrutura de ficção" (p. 129)[9].

Sem dúvida, as novas modalidades da religião impulsionam movimentos políticos de extrema direita que se apoiam na "liberdade de expressão" para atacar as instituições democráticas, cujo caráter de semblante parece manifesto porque mostra sua inconsistência, assim como a falta de autoridade dos líderes tradicionais. Por isso, as *fake news* se encontram na ordem do dia. Em relação ao Outro que não existe, é o sujeito mesmo que aparece como única fonte confiável da verdade, não a partir de sua reflexão, mas a partir de seu sentimento visceral – desde a sua própria experiência ou desde seu gozo.

Assim, a palavra é a ficção necessária, a qual a paixão encolerizada da época responde desacreditando-a. Do outro lado, o desejo do analista aloja o inesperado, vive no campo da anomalia e do disruptivo. É sua maneira de exercer a liberdade da palavra.

[9] Lacan, J., *El Seminario*, libro 10, *La Angustia* (1962-1963), Paidós, Buenos Aires, 2010, p. 129.

VIOLÊNCIA E MULHERES NA AMÉRICA LATINA

Marcelo Marotta (EOL)
Paula Iturra (NEL)
Juliana Motta (EBP)

# A LIBERDADE DA PALAVRA

O tema proposto para este relatório somente pode ser tomado como uma provocação. A liberdade, presente no título, estaria em uma perspectiva social ou equivaleria à liberdade do sujeito? Poderíamos substituir a palavra pelo discurso? Se o substituirmos, poderíamos mantê-lo vinculado à liberdade?

Quando investigamos os distintos aspectos referidos à violência constatamos tanto o poder da palavra como sua total impotência.

É algo que se observa na definição canônica de Lacan quando trata esse fenômeno que pode se produzir na relação inter-humana:

"*... a violência é de fato o que há de essencial na agressão, pelo menos no plano humano. Não é a fala, é até exatamente o contrário. O que pode produzir-se numa relação inter-humana são a violência ou a fala."* [10]

Notamos que a palavra, considerada como a articulação significante, mostra seu poderio expressado nesse *vel* excludente: é a palavra ou a violência. Se nessa relação funciona a palavra, não há violência.

[10] LACAN, J. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957- 1958). [tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira].- Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p.471

Mas, se a violência se manifesta resulta impossível de recalcar em tanto que somente se recalca o que entra na articulação significante. De tal modo que se pretendêssemos tratá-la ou reduzi-la por meio da palavra nos encontraríamos com sua impotência. Assim se diferenciam a violência e agressividade já que esta última pode sim ser captada pelo mecanismo de recalque.

Com a "liberdade da palavra" ocorre algo parecido. Podemos comprovar tanto sua liberdade como sua dependência. É algo que se demonstra em nossa experiência clínica. Não há nada mais determinado que a associação livre!

Com este tema se entrelaçam a liberdade e dependência da palavra em quanto tal e a liberdade e sujeição do sujeito falante.

Com efeito, falamos com certa liberdade até que uma palavra se mostra ainda mais livre ao se independizar de tudo o que vinha sendo dito, como se aparecesse de acordo com seu capricho e de modo inesperado. Trata-se de uma palavra que provém de um discurso que não é o nosso, senão do Outro, desse discurso do Outro que se nomeia inconsciente e que lhe demonstra ao sujeito falante que na verdade, ele é falado.

Desde o Observatório, tomamos a constatação que Freud faz de que o repudio ou rechaço do feminino é "uma característica notável da vida psíquica dos seres humanos", portanto, está presente tanto nos homens quanto nas mulheres.

A segregação, seja qual for, sempre estremece, porque está destinada a apontar um mais além do simbólico que concerne, em seus fundamentos, à pulsão de morte. Por isso, o aludido por este nome nunca pode permanecer indiferente na medida em que esta designação o situa sempre numa posição mortificante.

A segregação, cujo fundamento se encontra na pulsão de morte, alimenta a agressividade. No passo do ato agressivo opera um movimento em que o sujeito bate no outro aquilo que "não pode integrar de sua própria alteridade na imagem narcisista e unitária do eu". O ato violento

é um rechaço radical e absoluto do que marca a diferença, do que separa. As mulheres que sofrem violência ocupam esta posição, uma posição de objeto que deve ser imolado e destruído nesse momento do ato violento. Não há palavras possíveis nesse momento. Palavras rechaçadas que surgem de uma segregação já colocada em palavras. O segregado gira fora da rede de articulações simbólicas, ocupa um lugar de invisibilidade e tem sua palavra rechaçada.

Desde o Observatório estivemos lendo e investigando alguns fenômenos de violência que tem atravessado e se repetem em nossos países: os feminicídios, as mulheres e o conflito armado, os suicídios de meninas e adolescentes grávidas precocemente, os discursos e intervenções sobre a violência no casal, os desaparecidos...

A investigação teve uma torção, do foco nas vítimas a pesquisar algumas invenções civis que são formas de fazer com o real em jogo. Desde a psicanálise constitui-se uma subversão, ao poder situar nestes fenômenos o impossível de negativizar do feminino no social[11], sem equiparar o feminino com o gênero, nem a mulher com o objeto da violência que a redobraria como vítima. Estas formas de arranjo possível, não ideais, são construções espontâneas que dão voz àqueles que não a tem. Tem sido nossa forma de seguir no social estes arranjos em que a liberdade da palavra se torna ato. Nestas intervenções de homens e mulheres, assistimos a maneira como se fazem escutar, em lugar da queixa das vítimas, a posição derivada de sua transformação em sujeitos políticos.

Diversos agrupamentos cidadãos, coletivos e ativistas tentam fazer das palavras, ato, furando com suas intervenções a apatia, a impunidade e a normalização da violência tão próxima do discurso do mestre. Coletivos de mulheres fazem do *baile da cueca*[12] um modo de bordejar a ausência dos detidos desaparecidos.

[11] Entrevista a Leonardo Gorostiza ¿La feminización del mundo? en Feminismos, Ed. EOL Grama, Buenos Aires, 2018
[12] Dança típica folclórica sul americana.

"*Auras anônimas*"[13] - como assim as nomeia a obra de Beatriz González – sabem transformar o traumático em ato político, sem renunciar a sua dignidade, sem ceder ao seu desejo, nem permanecer vitimizadas em posição de objeto de gozo do Outro. Outras mulheres costuram uma grande colcha para a-rroupar o Palácio da Justiça como um ato simbólico que convida a colocar a justiça no seu lugar.

Estas formas de resistência pacífica às "ordens de ferro" que se apresentam em nossos países de diversas maneiras, civilizam o objeto no campo do Outro, subvertem o discurso do mestre, ao qual não continuam sendo servis e fazem audíveis as vozes do silencio.

Em diferentes instancias institucionais também comprovamos a necessidade de dar um espaço à palavra de cada um, para não permanecer submetido às determinações de um protocolo que restrinja a palavra do ou da sofrente, a uma abordagem padronizada que torna opaca sua singularidade. Essa será a ocasião para que o discurso do Outro, o inconsciente, encontre seu lugar.

Com efeito, a "liberdade de palavra" nos obriga a operar no lugar onde se descola o discurso do Outro e diferenciá-lo do "outro discurso" onde a "liberdade de palavra" não tem lugar.

Esse "outro discurso", que não é o nosso, reúne o discurso jurídico, o educativo, o de tratamento da violência de gênero inspirada nos feminismos, o dos protocolos e todos esses discursos que podem se agrupar em um só ao cumprir com um mesmo objetivo: o da direção de consciência.

É um fato que, ainda com essas diferencias convivemos com eles e porque privilegiamos a "liberdade de palavra", nos dispomos a compartilhar uma grande conversação que nos permita localizar algum efeito para que também ali, nossa palavra possa ter um lugar e poder constatar se essa liberdade tem algum efeito no social.

[13] https://museodememoria.gov.co/arte-y-cultura/auras-anonimas/

A “liberdade de palavra” é a condição de um trajeto que também conta com sua sujeição para encontrar seu limite, ali onde habita um gozo que somente se poderá tratar percorrendo esse caminho. Os Observatórios são uma ocasião para reconhecer o contexto e saber como transitar por essas trilhas.

# OBSERVATÓRIO VAMOS PARA UMA CULTURA TOXICÔMANA?

Edna Gómez Murillo (NEL[14])
Gloria Aksman (EOL[15])
Glória Marón (EBP[16])

A função de um Observatório da Federação Americana de Psicanálise de Orientação Lacaniana é constituir-se como um ponto de mirada na direção de um espaço que poderíamos denominar *a época* em suas diversas manifestações. Naquilo que nos concerne, denominado e orientado por uma pergunta ¿Estamos rumo à uma cultura toxicômana? visamos abordar o consumo de drogas, cada vez mais frequente e constante, que se tem instalado como una medida para fazer frente à vida mesma e que confere a milhares e milhares de sujeitos, uma identificação com a qual desenham um ser.

A gestão do Observatório que neste momento realiza a entrega da Coordenação, iniciou no ano de 2019 guiada pelos seguintes objetivos: primeiro, a investigação a partir de elementos epistêmicos que nos permitiram orientar a observação e ler analíticamente os dados recolhidos, porém também reconhecer e recortar os indícios de novas manifestações no laço social que responderam à pergunta insígnia. Segundo, a interlocução com o Outro Social através de alguns espaços que possibilitaram a transmissão da forma como a psicanálise de orientação lacaniana aborda este fenômeno na região correspondente à América. Finalmente e resultado do trabalho em curso, introduzimos un terceiro objetivo que foi o de transmitir à comunidade analítica os avanços alcançados na investigação a fim de oferecer elementos

[14] Integrantes constantes na investigação, atividades de discussão interna e criação de espaços nas Seções: Lorena Greñas (Guatemala), Nuris Martelo (Cali Colombia), Edgar Vázquez (Ciudad de México), Carolina Vignoli (Santiago de Chile), Carlos León (Arequipa Perú), e Iván Delgado (Maracaibo Venezuela).
[15] Integrantes: Ana D'Andrea, Nicolás Bousoño, Gloria Casado, Mariela Coletti, Angeles Córdoba, Angeles De Paoli, Claudio Miceli, Juan Pablo Mollo, Silvina Rago.
[16] Psicanalistas membros que contribuíeram na elaboração do Informe do ano 2019/2020: Giovana Quaglia, Cassandra Dias Farias e Claudia Formiga Giovana. Quaglia contribuiu no presente documento atualizando permanentemente os dados relativos as diferentes manifestaçõess das toxicomanias e seus efeitos no tecido social.

acerca de como o fenômeno toxicômano se manifiesta no laço social em nossa geografia a fim de tomá-lo como uma referência para a ação lacaniana.

De fato, podemos considerar como objetivo alcançado, a construção de uma resposta afirmativa à pergunta ¿Estamos rumo à uma cultura toxicômana? com base na leitura e interpretação do movimento das diferentes culturas que compõem nossa geografía. A seguir os pontos que destacamos:

1. A posição subjetiva da presente época está caracterizada fortemente por sintomas que vão da adição à toxicomania e que se tornam evidentes nos consumos de qualquer tipo de produtos ofertados pelo mercado, desde o acesso à substâncias que são inseridas nos corpos, até substâncias de gozo produzidas por estas experências de repetição e mania no consumo.
2. Os tratamentos para as adições e toxicomanias estão geralmente a cargo de organismos privados, regulados e não regulados pelos governos. Em alguns países da NEL não contamos com a estrutura de instituições destinadas a este trabalho específico de saúde pública; em outros sim, nos quais há inclusive processos para a legalização de certas substâncias. Foram estabelecidas atividades no interior de várias Seções que convocaram o trabalho de investigação e também houve a participação em uma conversação com instâncias governamentais e civis da Colombia que convidaram o Observatório. No caso do Brasil, além dos tratamentos a cargo de organismos privados, as políticas públicas formuladas nos 90 privilegiaram os tratamentos a cargo de Centros de Atenção Psicosocial – AD (Álcool e outras drogas) vinculados à rede pública de saúde mental. Porém, desde 2019, alterações nas políticas públicas vigentes promovidas pelo Ministério da Saúde ampliaram a possibilidade de internações e tratamentos a cargo de comunidades terapêuticas, predominantemente evangélicas. Observamos que são frequentes na América os tratamentos que operam sob concepções de terapias congnitivo comportamentais e principalmente com abordagens de corte religioso, moral e repressivo; o que favorece a implantação de regimes nos quais a palavra dos sujeitos é reduzida ao silêncio e portanto, um certo apagamento do sujeito do inconsciente nas determinantes superegóicas da época.

3. O sistema capitalista promove o uso das sustâncias denominadas propiamente como drogas, enquanto geradoras de riqueza para instâncias de capital privado assim como también governamentais, produzindo nos consumidores ideais para a sustentação das mais valias. Nesse sentido, o insuportável da vida na civilização capitalista encontra uma sutura em seus próprios recursos de mercantilização das distintas substâncias. Um ciclo de iteração em ascenção e do qual milhões de sujeitos não podem desprender-se.

4. Daí que na atualidade localizamos comunidades chamadas *crakolândias*, que adquirem uma categoria de paradigmáticas da cultura toxicômana já estabelecida em diferentes cidades da América, onde existem zonas de ocupação específica para o consumo. Nelas, os habitantes estabelecem uma forma de laço enquanto comunidades de gozo extendidas e permanentes enquanto as autoridades públicas as deixam mais a cargo da assistência de algumas organizações da sociedad civil e/ou da intervenção policial. Tornam-se *guetos* de silêncio ou de um goce segregacionista, que não faz laço com o Otro.
5. As comunidades toxicômanas cada vez maiores ficam a mercê de uma condição de vulnerabilidade dada a guerra comercial entre os grupos distribuidores de drogas, levando à norte os integrantes de seus própios mercados através da experimentação de novas substâncias especialmente mortíferas o pelo controle das zonas de influência; as vidas tomadas como descartáveis, perdem sua dimensão ética e os corpos sua dignidade.
6. O consumo toxicômano se constitui fortemente no modelo de consumo neoliberal que implica uma política que anula a interlocução com o sujeito do inconsciente.
7. A investigação fica na porta de entrada do tema do uso obrigatório do espaço cibernético; o funcionamento interno dos sistemas eletrônicos computacionais e seus efeitos no laço social assim como nos consumos, parecem constituir um argumento em direção à afirmación a qual se chega à conclusão: Estamos em uma cultura toxicômana.
8. Se por um lado o discurso analítico não incidiu a ponto de operar uma formulação ou modificação nas políticas públicas do campo das toxicomanias nos países que estão

no escopo do Observatório, no caso de Brasil e Argentina, se observa há alguns sua incidência nos dispositivos destinados ao tratamento de toxicômanos: a presença do analista na condução de tratamentos, seminários clínicos e supervisão de casos clínicos, na interlocução com a psiquiatría, instâncias jurídicas, educacionais e da ação social. É o que se verifica em algumas regiões, apesar do grande retrocesso verificado nas políticas públicas e na política em geral.

9. Antes de concluir, consideramos relevante a função do Observatório de não limitar-se a falar consigo mesmo nem restringir sua interlocução à comunidade analítica. Deve ter em seu horizonte ampliar o âmbito o diálogo com o Outro Social. Esse laço foi frouxo, precário, e nem sempre ocorreu um salto a partir da leitura analítica e elaboração dos dados recolhidos pelo Observatório, para uma efetiva ação lacaniana.

O Observatório ¿Estamos rumo à uma cultura toxicômana? chegou ao final de sua coordenação, propondo uma troca de nomeação, uma vez que para essa pergunta já havia uma resposta: Estamos em uma cultura toxicômana.

OBSERVATÓRIO DE GÊNERO, BIOPOLÍTICA E TRANSEXUALIDADE

Paula Husni (EOL)
Eliane C. Dias (EBP)
María Auxiliadora Rodríguez (NEL)

# GÊNERO E BIOPOLÍTICA: TOMAR A PALAVRA

Em um país democrático, qualquer habitante é supostamente livre para tomar a palavra. A questão é saber de que palavra se trata, a que discurso responde e em que discurso se inscreve. Pensar a liberdade da palavra implica que esta deve encontrar um lugar onde possa ser acolhida. Em muitos países da América Latina, esta possibilidade é cerceada por várias razões. Em Estados que não exercem a democracia em pleno direito, ou em outros que, embora afirmando-se como Estados democráticos, apresentam uma outra face que intimida a liberdade de expressão, encontramos manifestações frequentemente violentas, que silenciam o discurso, chegando, por vezes, a extremos mortíferos.

Neste contexto sociopolítico, encontramos uma vasta gama de legislação e de exercício de direitos, desde países que têm uma Lei de Identidade de Gênero com características únicas no mundo, como a Argentina, a países com leis muito abertas e frágeis no momento da sua implementação e que na prática são ignoradas, silenciadas ou desvalorizadas, sem chegar a instituir, de fato, um sujeito de direito.

## 1. USOS E ABUSOS DA PALAVRA: LIBERDADE OU VIOLÊNCIA?

A forma como as sexualidades não hegemônicas na América Latina encontram-se historicamente atravessadas por uma marca de segregação e cerceamento de direitos fundamentais evoca a experiência de *não liberdade* da palavra. Apesar das particularidades culturais e políticas dos diversos países, na América Latina, o S1 “liberdade” chama como S2 a “violência” – contra a palavra e da palavra.

No Brasil, país com maior número de pessoas *trans* assassinadas no mundo, a maior parte da população LGBTQIA+ vive em condições de pobreza e exclusão social, com dificuldade de acesso à educação, saúde, qualificação profissional, oportunidades de inclusão no mercado de trabalho formal e políticas públicas que considerem suas demandas específicas.[17]

Em tal realidade, em primeiro plano, temos a *liberdade de palavra* como demanda do direito ao uso da palavra, que a maioria dos movimentos sociais, os de gênero inclusive, legitimamente endereçam ao Estado e à sociedade civil. Essa reinvindicação se tornou pauta política e social na atualidade, apreensível nos diferentes slogans que clamam pelo "direito à voz" e ao "lugar de fala". Em nações marcadas por discursos totalitários, a liberdade de palavra e o refúgio em coletivos são estratégias políticas de sobrevivência física e psíquica. E vale lembrar que o exercício da psicanálise requer um Estado de Direito que apoie e sustente a *liberdade de palavra*, em seus atos e suas políticas.

Dessa perspectiva, cabe interrogar o que socialmente se entende por "lugar de fala". E precisar a diferença com o que, para a psicanálise, se constitui a partir do lugar *na* fala e *na* linguagem.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo, a demanda por *liberdade da palavra* converteu-se em uma marca do discurso do Mestre atual: o identitarismo. A "política de identidades" reduz o sujeito às marcas e aos traços que porta em seu corpo, condicionando os seres falantes no binarismo imaginário *nós/eles*. A segregação que antes era imposta a partir do Outro cede lugar à autossegregação ou à segregação voluntária. O século XXI é o século das fratrias, "estes semelhantes que tratam de constituir um Eu comum a partir do traço que os uniria. Onde encontrá-lo senão no corpo e suas práticas?"[18]

Observamos, então, que enquanto a *liberdade de palavra* está na contramão do discurso totalitário, a ânsia pela *liberdade da palavra* revela-se uma manifestação do próprio discurso totalitário.

Num país como a Argentina, por exemplo, onde existe uma *Lei de Identidade de Género*, notamos que o acesso das pessoas LGBTQIA+ à Educação e a Serviços de Saúde aumentou numa significativa percentagem, sobretudo para a população travesti-trans. Isso viabiliza e amplia, sem dívida, os espaços onde podem tomar a palavra. Mas, é especialmente na área

[17] Benevides, Bruna G. (Org). *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021*. Brasília: ANTRA, 2022.Disponível: https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf

[18] BROUSSE, M-H. Segregaciones vesus subversión. *El psicoanálisis – Revista de ELP, n° 32, abril/2018.*

da Saúde, dada a grande inserção de psicanalistas nos hospitais, onde a palavra é susceptível de ser ouvida a partir da psicanálise. Com base na lei, cada indivíduo pode enunciar o sexo com que se autopercebe e quais os tratamentos que necessita para que o seu corpo se adapte a si. Isto, por si só, não indica a existência de um sujeito responsável pela palavra. O enunciado em si pode tomar caminhos muito diferentes se for ouvida a partir dos discursos de gênero ou da psicanálise. Esta é a aposta nesse Observatório: gerar uma incidência que favoreça que o sujeito que toma a palavra, que exprime as suas escolhas de identidade, possa ser ouvido a partir de sua singularidade, sem estar submetido à homogeneização discursiva, ao ideal da época ou à alienação do Outro social.

## 2. A PSICANÁLISE NO MUNDO

Para poder instalar o que em psicanálise chamamos "o sujeito da palavra", ou seja, um sujeito responsável pela sua palavra, é necessária uma escuta que permita discernir a posição de gozo de cada um e o modo singular de lidar com as disrupções do corpo e dos laços a partir de uma impossibilidade estrutural.

A liberdade da palavra é aquela que o sujeito pode exercer para além de qualquer Mestre que se apresente a ele. Como nos diz Guy Briole: "desta forma, nesta relação com a ética, há a possibilidade de um sujeito escolher como age e o que diz na sociedade em que vive e se movimenta".[19]

Para isso, é necessário nos orientarmos pela observação dos problemas considerados chave na época em que exercemos a nossa prática; observar as soluções e os tropeços de cada sujeito e como ele, eventualmente, se insere em comunidades. A compreensão desses movimentos e dos discursos que os sustentam é o que possibilitará interrogar nossa clínica com as questões epistémicas necessárias para poder compreendê-los e abordá-los: nos consultórios, nas supervisões, nas instituições, nos múltiplos debates, no coração das nossas Escolas.

Neste Observatório, trabalhamos com a aposta de que as investigações que realizamos possam resultar na formulação de questões e de hipóteses que possam orientar a leitura dos sintomas de nossa época. Apostamos que a psicanálise, como prática clínica e como discurso

[19] BRIOLE, G. La palabra embargada. *Bitácora Lacaniana, número extraordinário: ZADIG La Movida Latina, 2017, p. 31.*

na civilização, sem renunciar a sua *extimidade*, possa sustentar uma política que faça valer a singularidade do *parlêtre* e a dignidade de uma diferença.

REDE DE PSICANÁLISE APLICADA

Liliana Bosia (NEL)
Paula Borsoi (EBP)
Gabriela Salomon (EOL)

# A LIBERDADE DA PALAVRA

Um dos princípios fundamentais da psicanalise, é sustentar a força que as palavras tem, especialmente algumas em cada falasser. Nos interessa, por isso acolhemos um a um, poder acolher o irredutível do sintoma em relação aos ideais de normalização. Quando o laço social, tomado como discurso, como maneiras de falar, se rompe, a psicanálise propõe acolher as saídas inventadas quando o excesso de gozo e a angustia, podem levar o sujeito ao pior. É nessa posição que os analistas do Campo Freudiano (CF), dentro da orientação lacaniana, sustentam o trabalho dentro das instituições. A psicanálise se apoia no um por um, fazendo objeção a tendência de universalização e normativa.

Isso é feito acompanhando sujeito no modo como ele delineia seu protesto contra o mal estar, que se mostra na sua solidão estrutural. A Rede de Psicanálise Aplicada (RPA), pretende pesquisar e demonstrar os efeitos de como o analista pode ser o destinatário do padecimento destes sujeitos em tempos do Outro que não existe. Quando o discurso analítico se encontra entre outros discursos, lidamos com lógicas diversas que muitas vezes levam a um impasse. Apostar no impasse não como fracasso, incluindo o real em jogo, presente em cada caso, permite uma construção clínica, localizando o singular. O que nos orienta sobre as questões do sofrimento psíquico é o que vem do real, ou seja, do sintoma.

Na Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) inúmeros analistas participam desse trabalho institucional. Ele acontece na saúde, na justiça, na educação e em muitos outros lugares onde a psicanálise pode ser aplicada. A psicanálise aplicada, ainda assim psicanálise, pode dar

provas do que faz levando em conta a orientação lacaniana. Para esta tarefa precisamos fazer um recenseamento dos analistas membros da Escola e onde realizam este trabalho. A força da psicanálise e também dos dispositivos onde ela é exercida para além do consultório está no combate ao sentido adaptativo, que paradoxalmente segrega as diferenças, apostando no sintoma, dando lugar ao que justamente não funciona. Atravessamos um momento político no Brasil, extremamente cruel com grande parcela da população, que vive sem acesso a serviços básicos, sem direitos de cidadania. Sabemos que temos um alcance limitado, mas a presença da psicanálise sustentada por analistas nas instituições tem um valor, em trabalhar com o que não interessa a ninguém, o resto, o que sobrou da parceria do capitalismo com a ciência.

Na Escuela de Orientación Lacaniana (EOL), muitos colegas membros da Rede de Psicanálise Aplicada (RPA) trabalham em instituições públicas defendendo a presença da Orientação Lacaniana nelas, assim como pudemos revelar que muitos colegas jovens que não são membros da RPA trabalham em instituições fora da cidade de Buenos Aires, como exemplo na Província de Buenos Aires, Mendoza, Tucumán e que têm uma transferência com a orientação lacaniana.

Alguns associados da Nueva Escuela Lacaniana (NEL) trabalham em instituições dedicadas a crianças e adolescentes. O que se verifica é que, ao trabalhar a partir da posição de analista, as intervenções podem perfurar o discurso da instituição "o mesmo para todos" e possibilitam uma escuta singular do sofrimento, permitindo, por sua vez, colocar em palavras algo do sofrimento do sujeito, algo desse real que o mortifica.

Por que ampliar a Rede de Psicanálise Aplicada nos dias atuais?

Tomamos como referência a fala de J.A. Miller "Todo mundo é louco" discurso de encerramento do último Congresso da AMP. Ali Miller argumenta que "vivemos na era da reivindicação da igualdade fundamental dos cidadãos"[20], do sujeito de direito, onde os tipos clínicos tendem a desaparecer nos diferentes DSMs e talvez possamos assistir ao desaparecimento do clínico. Entramos na era da despatologização. Não haverá mais

[20] Miller, Jacques-Alain: Todo mundo é louco. Discurso de encerramento do Congresso AMP 2022. Texto não oficial ou revisado pelo autor.

patologias. A questão fundamental de Miller é "como salvar a clínica apesar de toda despatologização"[21].

Nesse sentido, sustentamos a ideia de ampliar a RPA, para podermos sustentar a nossa clínica nas instituições, que aponta ao um por um, para o mais singular de cada falasser como referimos no nosso primeiro parágrafo.

Nossa proposta seria incluir na RPA instituições onde atuam praticantes não membros e que estão em transferência com a orientação lacaniana.

[21] Miller, Jacques-Alain: IBID (1)

REDE UNIVERSITARIA AMERICANA
Ana María Solís (NEL)
Nieves Soria (EOL)
Angelica Bastos (EBP)

# A LIBERDADE DE PALAVRA

A incidência do discurso do analista no discurso universitário está condicionada pela liberdade de palavra, sem a qual não se sustenta. Não foi por acaso que a psicanálise não floresceu em regimes não-democráticos.

Que a psicanálise tenha surgido a partir da ciência - cabendo-lhe operar sobre o sujeito que esta exclui - não a poupou de objeções dirigidas em nome de um ideal de cientificidade. Com J. Lacan, entendemos que a ideia de revolução científica ou do pensamento – seja ela astronómica, biológica ou psicanalítica - mascara o que é fundamental: uma subversão na função do saber. Essa subversão exigiu o exercício da fala engajada na associação livre. O ensino da psicanálise não é, portanto, compatível com qualquer censura e requer a liberdade de palavra que diz mais do que quer ou sabe.

Não se trata de veicular um saber sobre a psicanálise, mas ensinar a partir dela, o que implica a posição subjetiva daquele que se dirige a outros no ensino da teoría e da clínica, mas também a posição do sujeito quanto ao que não se ensina.

A subversão operada pela psicanálise no saber incide especialmente sobre a sexualidade. Esta não encontra síntese possível entre tese e antítese: que não haja relação sexual e que a vida se reproduza não se conjugam, não se reúnem em um todo coerente. As críticas hoje endereçadas à psicanálise e aos psicanalistas que ensinam na universidade não se reduzem mais àquelas que acompanharam sua introdução na academia. Binarismo, heteronormatividade, patriarcado e colonialidade acrescentam-se ao individualismo, ao elitismo e à falta de cientificidade que sempre lhe foram atribuídos.

O discurso analítico introduz um laço inédito com a palavra, liberando-a das restrições impostas por qualquer ideal, obrigando-a através da regra fundamental a manifestar-se em sua pura sujeição às marcas de gozo que governam o inconsciente. Lacan escreve o discurso

universitário como uma mutação capitalista do discurso do mestre, na qual o S1, ao cair sob a barra, fica desencarnado, tornando-se mais insensato ainda. Em “Pour Vincennes” põe em evidência a antipatia entre o referido discurso e o discurso analítico, indicando entretanto a possibilidade de incidência do segundo sobre o primeiro.

As conversações realizadas por RUA durante esta gestão apontaram para interrogarmos entre nós as vias possíveis para essa incidência em tempos nos quais o $S_1$ do discurso universitário configura uma ordem de ferro inquisitorial na qual se chega a exercer censura sobre alguns textos de Freud e Lacan, acusando a psicanálise de encarnar o discurso do mestre clássico, patriarcal, binário, heteronormativo e patologizante.

Nossa aposta é operar uma reversão nessa perspectiva, colocando em primeiro plano a liberdade de palavra que anima o discurso analítico, separando os conceitos fundamentais da psicanálise tanto dos ideais do discurso do mestre clássico, quanto daqueles de sua mutação capitalista, encarnada no discurso universitário. Buscamos um dizer que burle a censura - que em muitos casos se manifesta como auto-censura - possibilitando fazer passar essa palavra livre do discurso analítico, falando a língua do outro, sem nos deixarmos capturar em sua jaula feita de ideais.

**REDE DE CINEMA E PSICANÁLISE**

Lorena Greñas (NEL)
Ondina Machado (EBP)
Carlos Gustavo Motta (EOL)

# A LIBERDADE DA PALAVRA

O tema "A liberdade da palavra" é controvertido, sob o ponto de vista da psicanálise, pois se por um lado ele convoca à associação livre, só o faz por saber que o *falasser* não é livre de maneira alguma. Do mesmo modo, podemos partir da ideia do cinema como uma sucessão – associação? – de imagens para nos perguntar como a interlocução entre elas pode enriquecer ambas as disciplinas.

Psicanálise e Cinema nascem na mesma época. O conceito de Freud acerca da figurabilidade no trabalho do sono interroga a formalização da imagem no aparato anímico. E, Jacques Lacan, em sua operação de "retorno a Freud", vale-se de 24 filmes ao longo de seus Escritos e Seminários[22]. Além disso, a época atual obriga que nos perguntemos: Psicanálise e Cinema, o que têm a dizer um ao outro? Como a psicanálise pode formalizar o uso da linguagem cinematográfica para realizar uma narração e como ela se vale do roteiro, elemento simbólico onde a palavra se aloja e orienta a trajetória do cineasta, que testemunha, informa, surpreende, denuncia, etc...? Assim sendo, embora se diga que a psicanálise é uma arte – e não uma ciência – e sabemos que se trata, na verdade, de uma práxis, que implica o tratamento do real pelo semblante (simbólico e imaginário), a relação Psicanálise e Cinema – como sétima arte – é útil e deve se estabelecer.

Guy Briole[23] sustenta que a liberdade da palavra é, ela mesma, objeto de um "aprisionamento" e que, em uma análise, o ato do analista visa perturbar as defesas, para que

[22] Motta, C.G. *Las películas que Lacan vio y aplicó al psicoanálisis*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2013.
[23] Briole, G. "La palabra embargada". Em: *Bitácora Lacaniana: El psicoanálisis y la libertad de la palabra*. Número extraordinario – Abril 2017, p. 24-25.

se produza no analisante um questionamento sobre si mesmo, para que outra coisa, além que o "já sabido" pelo *falasser*, fale-se.

Livre ou não, o certo é que Cinema e Psicanálise nos fazem falar. Isto fica demonstrado nas diversas atividades promovidas pela Rede de Cinema e Psicanálise da FAPOL. Todas as Escolas, que formam parte dela, têm algo a dizer: a cada uma lhes toca um certo aspecto do filme comentado, um traço ou outro do protagonista, ou inclusive os divinos detalhes que Bassols[24] nos sugere não deixar passar, e que Lacan diz, em relação ao cinema, que é aquele que "acerta o alvo" quando se trata do real. Além disso, Sergio Laia afirma que o que aparece como sucessão de imagens "nos expõe incessantemente ao múltiplo, ao diferente, ao estranhamente familiar (*unheimleich)*, faz-nos sermos tomados pela palavra"[25].

O cinema nos incomoda, tira-nos de casa, obriga-nos a horários pré-determinados e, depois de um certo tempo, a luz acende e temos que voltar para casa. O retorno, como em toda viagem, sempre tem uma bagagem a mais. O conceito de Jacques Rancière "espectador ativo" se encontra vivo e presente.

O texto de um roteiro é um modo de ser literário que pretende colocar em imagens fatos, cenas, sentimentos, sensações, percepções, pensamentos. Sobre ele, Flusser dirá que "o trabalho do roteirista é semelhante ao dos equilibristas, eles tentam manter o equilíbrio entre texto e imagem por meio de uma acrobacia literária"[26].

Em nossos dias, as imagens nos dão a ilusão de tudo mostrar, como se as palavras não tivessem mais nenhuma função. A primeira objeção a isso seria que as imagens são feitas de palavras. Para compor uma cena, o que aparentemente é pura imagem, configura-se no pensamento como palavra, a percepção visual nunca é só visual, nela há palavra. A percepção de um movimento precisa da palavra para se realizar no pensamento.

Não há imagem sem história. A cena da menina vietcongue fugindo da bomba, o casal se beijando ao final da guerra na Times Square, e, recentemente, o corpo do menino sírio afogado em uma praia da Turquia, são cenas que viraram símbolos de acontecimentos sustentados por uma história.

---

[24] Bassols, M. Video entrevista a Miguel Bassols por Diana Paulozky. En: *Revista PSIne*, n. 2, abril de 2016. Programa de Investigación: Cine, Psicoanálisis y otras miradas – CIEC.

[25] Laia, S. Arizona Dream. Em: *Curinga*. Belo Horizonte: EBP-MG, n.1, p. 5-6, dez. 1993.

[26] FLUSSER, V. *A escrita: há futuro para a escrita?*. São Paulo: Annablume, 2010, p. 202.

Não estamos mais na era dos grandes relatos, de narrativas que detalham, por exemplo, o gesto de molhar a *madeleine* no chá, levando Proust à viagem por um tempo perdido. Não todo cinema atual, mas boa parte dele, é composta por uma enxurrada de imagens, efeitos visuais e sonoros que seduzem o espectador, mas que se sustentam no que Bassols chamou de micro relatos[27]. Alguns, são verdadeiros "banquetes para a pulsão" que têm como efeito adormecer o senso crítico[28]. É quando a psicanálise se faz mais necessária, não tanto para denunciar, mas para extrair desse banquete um texto que acorde o sujeito, que o faça construir para si ficções, que o enredem em uma trama simbólica, que o localize no Outro de sua época, sem ter que se identificar a ela. Que a surpresa tenha lugar como o vivo da experiência, tirando o sujeito do sono inebriante com o mesmo.

Lorena Greñas (NEL)
Ondina Machado (EBP)
Carlos Gustavo Motta (EOL)

[27] BASSOLS, M. 2016.
[28] MILLER, J.-A. Avatar: entrevista com Jacques-Alain Miller. *Cinema e Psicanálise*, CLIPP, São Paulo. Acesso: http://clipp.org.br/biblioteca-artigos_19.php.

REDE DE PSICOANÁLISE E LITERATURA

Fatima Pinheiro (EBP)
Pablo Russo (EOL)
Maria Cristina Giraldo (NEL)
Francisco Pisani (Colaborador)

# *ESCREVIVÊNCIA*[29], NOS RASTROS DO REAL

O que seria da psicanálise se não existisse, não apenas a liberdade da palavra, mas tudo o que a arte, e principalmente as letras, lhe ensinaram?

A recém-criada "Rede de Psicanálise e Literatura" (RPL) da FAPOL começa a tecer sua orientação. Em busca de intersecções fecundas para a psicanálise em nossa época, tentará articular e difundir os ensinamentos que as literaturas luso-latino-americanas podem conceder-lhe.[30]

Enquanto somos falados, nossa prática mostra, ainda que acreditemos que as palavras nos pertençam, que é impossível dizer ou ouvir tudo, inclusive a partir da demanda da associação livre. Para o sujeito do inconsciente não há liberdade alguma e muito menos da palavra, pois ao usá-la sempre diz outra coisa, assim como a significação depende da escuta ou da leitura. Isso não impede a possibilidade de escrita ou da invenção, nas quais algo dessa relação cativa –e do gozo que ela acarreta– possa des-cifrarse. Pelo contrário, a partir do encontro primordial entre as palavras e os corpos, habitamos na escolha forçada, esta que não só não

[29] Neologismo forjado pela escritora brasileira Conceição Evaristo para descrever sua prática da letra que tem origem no cotidiano e de suas vivências, na qual transmite as experiências de segregação da população afrodescendente.
[30] Assim como nos espaços das Escolas, das Bibliotecas (Fibol) e do Campo Freudiano na América, que vêm trabalhando a interlocução entre esses dois campos.

desresponsabiliza pelo que o falasser escolhe, como também não o impede de fazer novas escolhas, sempre forçadas a incluir a dimensão do furo.

Da mesma forma, mesmo defendendo a liberdade da palavra, o coletivo analítico é constituído de solidões fundadas na relação de cada um com o mais singular e êxtimo de seu modo de gozo. Relação que determina os laços do analista não apenas com sua clínica, não sem os outros, mas também com o Outro social e o mal-estar de seu tempo. E isso só se produz numa orientação pelo o real e em uma política do sintoma. Assim como demandamos uma palavra "livre" para ler o que ela não diz[31], para traçar um ponto de fuga, a escuta do silêncio na prática da letra é o litoral sobre o qual a RPL se situa a fim de deixar-se ensinar pela atualidade da literatura latino-americana.[32]

Freud e Lacan recorreram às criações artísticas e especialmente às literárias, pois ensinavam formas de cernir e "dar estabilidade" às "experiências fugitivas".[33] Suas articulações entre o uso da palavra e a escrita permitiram que Lacan retomasse e especificasse a perspectiva já freudiana de aplicar a arte à psicanálise, onde o artista sabe o que o analista almeja alcançar e transmitir: fazer convergir o uso do inconsciente com a prática da letra.[34] O que avançará em seu último ensino em direção à introdução litural do poético como uma orientação para a interpretação e quanto à nominação do gozo no sinthoma: 'liberdades' inéditas e contingentes do uso da palavra que poderão ser pensadas a partir do fim da análise e seus ensinamentos.

A conexão e a interlocução –a partir de um saber sempre em falta– assim como a diferença entre o bem dizer da psicanálise e a estética literária passam pela relação entre a enunciação e o ato. Relação que, se implica um esforço de poesia, é por se deixar ensinar por ela. Nossa política da enunciação, sem a qual não há liberdade da palavra, cumpre a dura servidão[35] de

[31] J.-A. Miller, "Ler um sintoma".
[32] Duas escritoras negras que, da migração e de outra língua –mais poética e corporal que materna– uma, e do centro mais afro-escravo de sua "escrevivência" a outra, inventaram escritos que ensinam sobre a segregação. São elas Jamaica Kincaid e Conceição Evaristo – já citada.
[33] Como destaca Lacan do Seminário 10, A angústia, a apresentação de J.-A. Miller "A angústia Lacaniana", Paidós.
[34] J. Lacan, "Homenagem a Marguerite Duras…", Outros escritos, JZE.
[35] Como afirma F. Leguil, em Política da psicanálise e psicanálise da política –Univ. de Antioquía, Medellín, 2001: para o psicanalista "a liberdade não é um ideal, é uma dura servidão (...) não é uma definição da condição humana (...) mas uma condição de possibilidade do ato".

ter um efeito de real orientado ao ato como forma de se virar com isso de cada vez[36]; bordejando um indizível, conecta pedaços de real.

Ler nos rastros de uma escrita, tanto na experiência de uma análise, como na literatura, implica um modo singular de 'liberdade' em relação aos impasses e inércias entre o gozo e o uso da linguagem que, com Lacan, poderíamos chamar de "saber como fazer aí" com o sint(h)oma. Eugenia Almeida, ensinando-nos, introduz assim a orientação aí esboçada:

"Talvez seja isso a escrita. Uma maneira silenciosa de falar sozinhos em voz alta. Liberados da necessidade de nos fazermos entender, recuperando o puro som da voz, o que poderia ser pranto, riso ou gemido, mas que, em silêncio, torna-se o desenho em que se converte a letra".[37]

[36] Lidar com a própria dimensão do ato e não terminar de bem-dizer o que tem para dizer em sua antinomia com o discurso do mestre.
[37] Em Inundación. El lenguaje del que estamos hechos, DocumentA/Escénicas.